

Artesanato e Capitalismo: Rendeiras e Rendas na Ilha de Santa Catarina¹

ANAMARIA BECK²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

1.- Introdução

A presente comunicação apresenta alguns aspectos do “trabalho da renda”, artesanato que desempenha um importante papel para a economia familiar das populações litorâneas e de pescadores da Ilha de Santa Catarina. Fundamenta-se em projeto de pesquisa desenvolvido a partir de outubro de 1980³.

Entre as principais atividades do artesanato do litoral de Santa Catarina ressalta a renda de bilro, razão pela qual foi o tema pesquisado, prioritariamente. A renda de almofada, como também é chamada, é uma atividade restrita à mulher e possui, atualmente, uma grande importância para a economia doméstica, face à crescente procura por parte dos turistas. A comercialização da renda, pelas rendeiras, relaciona-se, ainda, com outros fatores, como a desarticulação das atividades tradicionais - a roça e a pesca - nas comunidades litorâneas. As pressões do mercado levaram a modificações dos padrões estéticos com a introdução de

1 Publicado originalmente como Artesanato e capitalismo: rendeiras e rendas. Boletim de Ciências Sociais. Trabalho, Ideologia e Saúde da Mulher. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC: Florianópolis, 1987. p.03-19.

2 Esta comunicação, em sua forma original, foi apresentada à II Semana da Pesquisa, realizada na UFSC, em outubro/82. Esta atual versão foi apresentada à mesa redonda *Política e Preservação da Cultura Popular de Influência Açoriana*, realizada durante a Semana de Estudos Açorianos, entre 19 a 25 de março de 1984, na UFSC.

3 Este Projeto foi desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos do Mar Anhatomirim e do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, denominado “Caracterização cultural, econômica e social das comunidades pesqueiras da GRANFPOLIS”. A 1ª etapa do projeto, sobre o trabalho da renda, teve a participação dos estudantes do Curso de Ciências Sociais, Cláudia Maria Costa, Eugenio P. Lacerda e João C. Torrents.

diferentes tipos de fios, da cor e da simplificação de modelos. Além disso, enfatiza a importância do papel do trabalho da mulher no seio da unidade doméstica.

O trabalho de campo foi desenvolvido na Ilha de Santa Catarina, durante um período de cinco meses, entre janeiro e maio de 1981. Foram entrevistadas 160 rendeiras, entre 12 e 99 anos. Parte dos resultados são relatados nesta comunicação.

2.- Fazer e comprar: duas faces do trabalho da rendeira

As rendeiras se autotransformam em duas grandes categorias: a daquelas que fazem renda, chamadas *fazendeiras* e a das que compram a renda, as *compradeiras* ou simplesmente rendeiras. No interior dessas duas categorias encontramos a articulação de diferentes componentes do fazer e do comprar, que serão classificados oportunamente.

As mulheres são iniciadas no aprendizado a partir dos seis anos de idade, podendo se estender este período até os dez ou doze anos. Aprender a fazer renda é considerado o comportamento adequado a uma menina, pois evita que ela “perca tempo pela casa dos vizinhos, torna-a mais caseira, mais amiga da mãe” que é em geral quem a inicia. A atividade é vista como altamente recomendável tanto pelos homens como pelas mulheres. Os maridos preferem que as mulheres façam renda ao invés de ficarem “andando na estrada”. E, mesmo que tal trabalho tenha rendimento baixo, “se há de ficar em casa sem fazer nada é melhor que faça renda”. Assim, em um primeiro momento pode-se perceber que a confecção da renda de bilro está indissolivelmente relacionada com as representações sobre a mulher, como adequada à condição feminina.

A renda é vista como uma atividade circunscrita sexual e domesticamente, em oposição às atividades que são executadas fora de casa, pelos homens, como a pesca ou qualquer atividade assalariada.

Em um segundo momento, mas relacionado com o que se disse anteriormente, a renda integra o conjunto das atividades femininas no lar. Uma atividade a que as mulheres se dedicam porque gostam, afirmando por vezes que gostariam de ter mais tempo para se dedicar a ela. Para outras a *renda*, por ser um “trabalhinho bom” ou “um trabalhinho à toa”, feito durante o decorrer das atividades domésticas, ocupando horas do dia que seriam “vagas”, é preferida em relação às atividades consideradas pesadas. Assim, quer a postura seja uma, quer outra, a maioria prefere fazer renda porque não precisa deixar a casa.

As rendeiras tem, por vezes, um trabalho assalariado. Isto não significa que lhe esteja assegurado um salário mínimo, por seu desempenho. Em geral este trabalho

é sub-assalariado e obriga a um deslocamento para fora da localidade. Submete-se a rendeira a uma dupla jornada de trabalho pois além da atividade assalariada deve fazer “as voltas da casa”, que são: preparar a comida, lavar e passar roupa, cuidar dos filhos, limpar a casa e, por vezes, cuidar do quintal, o que inclui criação, cafezal, horta, etc. Deve-se salientar que as rendeiras fazem uma nítida distinção entre a renda e as *voltas da casa* e o trabalho fora de casa.

O número de horas diárias dedicadas à confecção da renda varia quase que de rendeira a rendeira. Em termos médios dedicam-se à confecção da renda cerca de seis horas por dia, assim distribuídos: duas horas pela manhã, depois das *voltas da casa* e antes de preparar o almoço; duas a três horas a tarde, e depois de limpar a cozinha e antes de recolher a roupa, lavada pela manhã e antes de preparar o jantar; e mais uma ou duas horas a noite, antes de dormir. Assim, algumas rendeiras podem chegar a trabalhar na renda até oito horas por dia, ou mais, enquanto outras, como as que têm trabalho assalariado, trabalham apenas duas ou três horas.

Isto vai acarretar uma diferenciação quanto aos rendimentos obtidos por cada uma das *fazendeiras*. Novamente, considerando em termos médios uma *fazendeira* que trabalha seis horas diárias, durante cinco dias da semana, obtém, depois de descontar a linha, uma renda mensal que varia entre Cr\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) à Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros)⁴. Isto entre janeiro e maio do corrente ano. É interessante observar que, no mesmo período, um novelo da linha mais utilizada pelas rendeiras teve um aumento de 77%, enquanto os preços pagos pelas *compradeiras* se mantiveram. Porém, se a rendeira trabalhar abaixo dessa média o rendimento obtido poderá baixar para Cr\$600,00 (seiscentos cruzeiros) a Cr\$800,00 (oitocentos cruzeiros), dependendo da peça que esteja executando. Pode-se, portanto, perguntar: face a baixa remuneração, por que as mulheres continuam fazendo renda e porque a atividade continua ainda se expandindo? Além das representações que envolvem a renda e que já foram relatadas anteriormente, deve-se considerar que o rendimento obtido mensalmente pelas mulheres na renda, embora complementar da economia familiar, vem permitindo a reprodução social da família. O dinheiro pertence à mulher. Exceto quando muito jovem, quando a mãe trata de dar um destino a esse dinheiro. É trabalhando na renda que as mulheres fazem o enxoval preparando-se para casar; compram alguns gêneros alimentícios para a casa, como pão e café; roupa para os filhos e, algumas vezes, cumprem obrigações sociais como as do compadrio.

Estivemos, até aqui, preocupados com a *fazendeira*. Porém, uma parte considerável delas, senão todas, se dedica ou gostaria de se dedicar à comercialização da renda. Isto é, gostaria de ser uma *compradeira*. Em geral as *fazendeiras* tem uma freguesa

4 Dados obtidos em 1981.

fixa, isto é, uma intermediária que periodicamente as procura para comprar a renda. Assim, entre a *fazedeira* e sua *compradeira* estabelece-se uma relação de mútua confiança, que permite à última ter a sua disposição a produção de um grande número de *fazedeiras*, número que pode atingir até trinta mulheres. A relação mútua de confiança permite que uma *fazedeira* entregue sua renda fiada à *compradeira*. Uma segunda situação é aquela em que a *fazedeira* prefere deixar o “dinheiro ajuntando na mão da *compradeira*”, impedindo-a de gastá-lo, pois tem objetivos definidos para seu uso. Mas, em contrapartida, a *compradeira* costuma adiantar dinheiro a ser pago com a renda. Tal situação decorre da baixa do mercado nos meses de inverno, quando a comercialização da renda atinge menor intensidade. E aí reside a “vantagem” de se ter uma *compradeira* fixa.

As relações entre a *fazedeira* e a *compradeira* são estabelecidas a partir das relações de parentesco, como irmãs, mãe e filha, primas etc.; relações de compadrio, relações de vizinhança e de amizade. Perdura por muitos anos e só é rompida quando a *compradeira* deixa de exercer este mister e passa sua freguesia a uma outra *compradeira*.

A comercialização da renda implica em uma complexa rede de intermediárias, desde o momento em que deixa as mãos da *fazedeira*. Deixaremos de relatar aqui a transação direta, isto é, aquela em que a própria *fazedeira* vende seu produto ao consumidor e a comercialização pela Associação das Rendeiras da Ilha - o que foi feito mais demoradamente em outro local⁵ bem como o papel do Conselho Comunitário do Campeche e sua decisão de manter uma escola para rendeiras, comercializando a produção.

A comercialização das rendas começa com as *compradeiras* da localidade que repassam a mercadoria a outras *compradeiras*. Estas podem ser donas de barraca, na Lagoa, ou ainda intermediárias que repassam o produto para fora do Estado. Há, assim, várias redes de comercialização que se interligam ou se superpõem. Como as relações predominantes são sociais e não econômicas, as ações que prevalecem estão fundamentadas na confiança mútua. Assim, uma *fazedeira* pode entregar sua renda a uma *compradeira* de fora da localidade, por estar comprometida por ela por diferentes razões, já mencionadas.

É possível observar, também, que há diferentes tipos de intermediárias e que, majoritariamente as *compradeiras* são também *fazedeiras*. Assim, encontramos pelo menos quatro tipos de *compradeiras*;

5 Cf. BECK, A. et alii, 1982. *Um trabalhinho à toa: a produção e a comercialização da renda de bilro e suas implicações para a economia familiar*. Relatório de Pesquisa. Florianópolis: MU UFSC.

1. as que fazem renda/compram/vendem;
2. as que fazem renda/compram/e tem barraca para vender;
3. as que não fazem renda/mas compram/e vendem; e;
4. as que não fazem/compram/e vendem para fora do Estado.

As barracas localizadas na Lagoa da Conceição, onde seu número já ultrapassa a quarenta, concentram o grosso da comercialização da renda da Ilha. Aí o critério de qualidade é ignorado, pois o turista compra “qualquer coisa”. As proprietárias das barracas são igualmente *fazendeiras* e tem seu negócio, em geral, no próprio terreno da sua moradia, o que lhes permite desenvolver o negócio juntamente com os demais afazeres domésticos.

A propósito da dinâmica interna da comercialização, um aspecto que ressalta é o fato de que em muitas localidades *compradeira* é a mulher do vendedor e a venda está sob seus cuidados. Isto leva a que a transação seja feita em espécie. Como produtos vendidos nas vendas do interior da Ilha são muito caros e o preço da renda é baixo, na localidade, a *fazendeira* largamente espoliada neste tipo de transação.

Segundo nos foi possível observar, as *compradeiras* trabalham, em geral, com 50% de lucro bruto sobre cada peça. Dependendo do volume de seus negócios, entre os diferentes tipos de *compradeira*, o lucro pode variar de Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) a Cr\$50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) por mês, como por exemplo nas barracas da Lagoa. Deve-se considerar que há uma substancial diferença entre os meses de estação, que são janeiro, fevereiro e julho, para os demais meses.

A espoliação a que se acha submetida a *fazendeira* é escamoteada pelas relações não econômicas da transação. Entretanto, é claro para todas as *fazendeiras* que o preço da renda está baixo, que o preço da linha está alto e que fazer renda não está compensando, mas que as *compradeiras* não querem pagar mais. A situação de *compradeira* é melhor do que a de *fazendeira*, o que também é reconhecido por estas e, sem dúvida, quase todas as *fazendeiras* gostariam de se estabelecer como *compradeiras*. Por outro lado, as *compradeiras* gostariam de poder negociar apenas a sua própria produção, pois seus lucros seriam maiores.

3.- Rendas antigas e rendas novas

As rendeiras, em geral, costumam dividir as rendas em dois grandes conjuntos: as rendas antigas e as rendas novas. Estas designações não são feitas aleatoriamente,

mas indicam um processo de mudança na confecção da renda de bilro, decorrente entre outras causas, da comercialização do produto.

Observa-se que o uso de uma ou outra designação indica diferenças nos modelos, no fio, instrumental básico, nas cores e nos pontos.

As rendas antigas eram, em geral, confeccionadas com linha fina, Corrente nº 24, também designada como linha de carretel. As almofadas eram pequenas pois as peças não eram grandes, embora utilizassem um grande número de bilros. A cor era sempre branca e os modelos bastante complexos. As peças confeccionadas eram entremeio (com pegamento dos dois lados), ponteira (com pegamento de um lado só) e quadros com a respectiva renda de volta e com os quais se faziam colchas, toalhas e posteriormente trilhos de mesa. O entremeio e a ponteira permitiam uma variação que eram as barras de lençóis e de fronhas. Os quadros de tramóia, maria bonita, esterlina e outras eram ajuntados formando peças de diferentes tamanhos, quadradas ou retangulares. A renda em volta exigia da *fazendeira* uma habilidade especial, pois é trabalhada em uma só peça, com quatro ângulos. Segundo as informantes, são poucas as artesãs que conseguem dominar tal habilidade.

Os entremeios e ponteiras, de diferentes larguras e tipos⁶, eram confeccionadas em peças de 5 metros, no mínimo. Por encomenda as *fazendeiras* podiam fazer peças maiores. Os quadros cujas dimensões são muito variáveis, pois dependem do tipo de renda, eram confeccionadas em lotes de meia dúzia ou dúzia inteira e assim comercializados. A renda de volta deveria ser feita, posteriormente, de acordo com o comprador dos quadros, que era quem definia o tamanho da peça.

Conforme o levantamento procedido, após estes tipos iniciais, surgiram os jogos-de-quarto, conjunto de cinco toalhas, composto de uma toalha maior, duas intermediárias e duas pequenas, que eram usadas sobre os móveis de quarto, como cômodas, penteadeira e mesinhas de cabeceira. Estas toalhas eram, ainda confeccionadas com linha branca fina, embora houvesse modelos em que se misturavam as duas, fina e grossa, como já acontecia, anteriormente, com a tramóia. Eram tecidas, porém, em uma peça e tinham forma circular ou oval.

A renda chamada antiga, por sua confecção e por seus modelos, destacava-se pela delicadeza e perfeição. Era o que as *fazendeiras* definem, ainda hoje, como uma renda bem feita. Embora muitas rendeiras ainda as conheçam, somente as mulheres das gerações mais velhas é que ainda as tecem. A maior parte delas,

6 Em Soares (1970) encontramos os seguintes tipos de ponteiras e entremeio ou pontilhas e pegamentos: vintém, penca de rosas, relevo, ceará, pé de galinha, renda “b”, coqueiro, palminho, quadro de arco, pontilha e pegamento de viola, pegamento concha, ponta de concha com margarida, oval de miudeira, pegamento de estrelado e beleza de príncipe.

isto é, as mulheres mais jovens, em geral não trabalham com linha fina e jamais teceram renda antiga. Os piques estão se perdendo; embora haja uma tendência a se voltar a sua confecção, em algumas localidades, por pressão do turismo, conforme informação obtida. Mas, em relação ao volume da produção da renda de bilro na Ilha é, ainda, irrelevante a sua confecção.

A renda nova resulta da substituição da linha fina pela linha grossa. Esta substituição, entretanto, não se dá mecanicamente. A adaptação dos modelos à nova matéria-prima trouxe algumas modificações relacionadas com a técnica de confecção, modelos e almofadas. Assim, é ao produto resultante dessa mudança que se designa como renda nova.

A introdução da linha grossa, em novelo, das marcas Anne e Cléa, data de, aproximadamente, 20 anos. Com a linha grossa também as cores foram introduzidas. Quanto aos modelos, foram escolhidos aqueles que exigiam um menor número de bilros e que passaram a ser feitos executando-se um menor número de pontos. A linha grossa, por sua textura, passou a exigir um número menor de horas para a confecção das peças. O abandono das rendas antigas pela adaptação dos piques à linha grossa e o surgimento de novos piques, bem demonstram a capacidade criativa das artesãs da Ilha. Esta produção mais recente, tão diretamente voltada para o mercado, é extremamente rica em formas e modelos, aos quais as cores se associam, renovando os padrões estéticos. Na verdade, o que se pode observar é que rendas antigas e rendas novas correspondem a concepções geradas em dois momentos distintos. No primeiro, as pressões decorrentes da expansão capitalista na área eram incipientes e a colaboração da mulher para a economia doméstica, a nível de ingressos, era menos exigida. Num segundo momento, a quase total desarticulação da economia tradicional pressiona a mulher em direção ao mercado, no sentido de obter da renda de bilro os ingressos que ela ainda não pode obter trabalhando fora.

As características técnicas dos novos modelos, ao lado dos novos padrões estéticos, parecem indicativos de tal fato. As peças são maiores e mais abertas, isto é, menos trabalhadas. Os pontos são em menor número e mais frouxos, porque menos trabalhados. As cores, principalmente escuras ou vivas, ajudam a escamotear os defeitos decorrentes desta nova concepção.

Ao lado disso, deve-se considerar que a intensidade do comércio, nunca tão dinamizado como agora, face ao turismo, faz com que se perca a marca da artesã. Cada *compradeira* comercializa a renda de um grande número de *fazedeiras* e com isto a identidade entre a artesã e a peça desaparece.

A introdução da linha grossa trouxe, quanto a modelos, uma contribuição, que foi a renda-de-vestir. Todos os tipos e modelos de que se fala até aqui eram de renda-

de-enfeitar. A renda-de-vestir é uma criação recente e parece ter-se originado em Ratones⁷. Esta distinção entre renda-de-enfeitar e renda-de-vestir foi feita por uma *fazedeira*, que já havia sido *compradeira* e que se identificou como sendo a criadora dos piques da renda-de-vestir. A transcrição de parte da entrevista dessa informante, esclarece quanto ao desenvolvimento do processo.

“Eu faço renda e eu desenho as rendas, não é? Essas blusas aqui: aqui dentro dos Ratones eu fui a primeira pessoa; eu tenho idéia muito boa, risco renda de cabeça, sabe? Eu fui a primeira pessoa que risquei renda aqui dentro dos Ratones! Elas (as outras *fazedeiras*-AB) faziam, faziam aí, riscavam assim jogo de trilho e oval, roda, renda em pé. Mas, blusa de vestir... roupa de vestir, quem inventou fui eu. Fui a primeira pessoa... Mas a renda, como eu vinha falando p'ra senhora, o pessoal começava a dizer que assim nas praias elas (as turistas-AB) estavam comprando aquelas roda, aqueles trilhos grandes p'ra botá assim por cima delas, que ficavam bonito, não sei o que, aí quando foi um dia eu pensei... aí eu disse p'ro meu marido: Ô Jorge, eu vou inventá uma blusa de renda. Ele assim: E tu vai dá conta? Eu digo: Vô. Aí eu peguei uma blusinha que eu tinha, fechadinha - ainda tenho o pique que está lá embaixo naquele ranchinho - aí eu peguei pela blusinha, eu cortei o molde num papel direitinho e fui no pique e risquei direitinho, a blusa: primeira renda. Aí peguei, levei p'ra umas parda lá na Lagoa, Dona Alexandra, chamada Dona Alexandra. Elas vendiam escondida na barraca. Depois, - eu comprava também umas rendinhas, levava também p'ra vendê - aí eu dei p'ra uma vizinha minha fazê e ela fez. Mas aí eu levei p'ra Lagoa, e a renda já é assim nessa época (mês de maio-AB). Só no verão e que a gente vende, no mais elas querem comprar é fiado, mas a gente precisa do dinheiro. Então aí eu peguei... me informaram ali na Assori, que ali vendiam renda eu peguei fui lá, levei... Levava as blusas. Aí andei tirando saia, vestido comprido, curto, vestidinho de crianças, bolsinha, isto tudo foi inventado por mim, e as outras (*fazedeiras*-AB) queriam mas não dava o pique não, sabe? Porque eu tinha me apaixonado que tinha uma *compradeira* de renda aí, tinha dito que era mentira, que não era eu que pisava essas renda de cabeça, porque eu tinha estado louca, na Colônia (designação ao Hospital Psiquiátrico do Estado-AB) e que eu não tinha idéia p'ra tirá isto.

Então eu peguei me apaixonei e não dava o pique p'ra ninguém, sabe? Outra, que elas não vinham me pedi, então elas querio pegá meu pique robado p'ra tirá. Pois elas viesse cá ou falasse comigo ou pegasse o meu trabalho, não é? Então aí elas deram em sabê que eu tirava essas blusa,

7 Ratones é uma localidade e um distrito do município de Florianópolis, no estado brasileiro de Santa Catarina.

não sei o que... aí pegarô pelo jeito, parece que até pagarô renda... não sei se foi lá p'ra Lagoa não sei se foi blusa - e levaram numa mulhé que risca renda, lá embaixo, uma tal Dona... Aí ela deu de riscá também, porque aí, a Senhora sabe como é, foram lá na Assori, também chegaram a comprá renda cara ali, parece que gente da Lagoa; eu tinha emprestado o pique p'ra uma mulher, também, que eu gostava muito chamada de Dona..., a Senhora aqui do Seu..., e ela deu para uma freguesa⁸ dela fazê, ela disse que não emprestava p'ra ninguém, mas com as freguesa faziam p'ra ela e depois as freguesa não queriam fazê mais p'ra ela, deram de falseá ela e, levá p'ra fazê na Lagoa, e af foi enchendo todo mundo e aí teve muita gente que deu em riscá renda de blusa, de vestir. Mas, a primeira pessoa que inventou fui eu, essas renda... ainda hoje eu risco tudo. Quer dizer eu tiro o molde e pela blusa, eu tiro a renda que eu quero”.

O trecho acima transcrito é claro quanto ao processo pela qual se criam novos modelos, e de como se dá a sua expansão. O fato de a informante ter sido ou não a inventora da renda de vestir é irrelevante, pois o que fica claro é que o turismo é que pressionou no sentido da transformação dos modelos.

4.- Conclusão

A expansão capitalista no litoral de Santa Catarina preservou algumas formas tradicionais de produção. A articulação entre estas e a forma dominante alterou, substancialmente, a lógica interna das formas tradicionais, que passou a se orientar em função de um mercado, como já acontecia com a pesca, por exemplo.

O artesanato não ficou ausente desse processo, como pudemos observar. A desarticulação da indústria caseira e a necessidade da mulher continuar colaborando com a manutenção e a reprodução social da família, levou a sua integração no processo através do trabalho da renda. A mulher foi transformada de produtora de valor de uso em produtora de valor de troca. A inserção, gradativa, das comunidades pesqueiras em uma economia de mercado, levou-as a buscar no artesanato da renda, a possibilidade de contribuir para a reprodução social da família.

As consequências desse processo de transformação das relações sociais de produção sobre o artesanato foram radicais. A renda de bilro, por exemplo, para ser comercializada de forma a dar algum lucro, sofreu mudanças quer em relação aos padrões estéticos, quer em relação à qualidade. A introdução de cores tornou

8 Freguesa de almofada: *fazedeira* que faz renda para uma única *compradeira*.

o produto mais atraente e a simplificação dos piques - modelos - facilitou o trabalho das rendeiras, aumentando a produtividade.

No âmbito da organização familiar as mudanças ocorridas não trouxeram modificações para o papel da mulher. Manteve-se a dominação masculina e a mulher, envolvida com as voltas da casa, justifica a sua preferência pelo trabalho da renda através de representações, em que explicita a visão que tem de si mesma. Nesse trânsito, em que a atividade artesanal perde valor de uso e ganha valor de troca, a mulher retardou sua entrada no mercado de trabalho, mantendo-se sob o estreito controle do pai e do marido. Mais recentemente este quadro tende a mudar, e as mulheres estão buscando fora da localidade de origem um trabalho assalariado.

Bibliografia⁹

a) Trabalho feminino

- ALIER, V.W. 1975. As mulheres do caminhão de turma. In *Debate e Crítica* 5: 59-85.
- ARAÚJO, C.G.G.; e M.I. PAULILO. 1978. Educação e trabalho da mulher entre parceiros, assalariados e volantes. In *Anais do Museu Universitário da UFSC* 11 :74-100.
- BENERÍA, L. 1979. Reproducción, producción y división sexual - del trabajo. In *Cuadernos Agrarios* 9:3-30.
- BOEGE, E. 1979. Mujeres, comunidad campesina y Estado. *Cuadernos Agrários* 9:89-103
- CASTRO, M.G. 1980. A questão da mulher na reprodução da força de trabalho. In *Encontros com a Civilização Brasileira* 26:157-171.
- ENGELS, F. 1964. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Vitória.
- FONSECA, C. 1980. Trabalhadores sem terra: um estudo de caso do trabalho Feminino no campo. In *Encontros com a Civilização Brasileira* 26:173-187.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. 1979. *Mulher Brasileira*. São Paulo Brasiliense.
- GODELIER, M. 1980. As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina. In *Encontros com a Civilização Brasileira*. 26:9-29.
- LEIGH, V.R. 1980. Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência. *Encontros com a Civilização Brasileira* 26:209-222.
- FALTA PAGINAS 17 E 18
- VIEIRA (filho), D. 1977. Arte e artesanato folclórico - rendas de almofada. In *Folclore Brasileiro - Maranhão*.35-38. Rio: FUNARTE.

9 Reproduzimos as referências bibliográficas no formato abreviado em que aparecem na publicação original. Não foi possível recuperar as entradas completas, e optamos por manter a fidelidade ao texto tal como ele circulou.